

JOSEPH CONRAD E O BRASIL

Albert von Brunn*

* Dr. em Letras românicas pela Universidade de Basileia (Suiça). Administrador do acervo de línguas românicas da Biblioteca Central de Zurique. Zurique, Suiça. E-mail: albert.vonbrunn@zb.unizh.ch

Joseph Conrad estava de pé num canto da sala, calçava chinelos de couro e uma bata de seda escura; sua cara denotava uma concentração extrema, quase desumana. Na minha cabeça, as peças se encaixaram: tinha-o interrompido. Para ser mais preciso: tinha interrompido o seu ditado [...]. Ao passo que no meu bolso se amarravam as primeiras cenas de *Nostromo*, naquela sala, Conrad ditava as últimas cenas”, lembra o narrador do romance A história secreta de Costaguana (VASQUEZ, 2007, p. 285-288). “Muitos anos depois pensaria nesta tarde quando como por encanto desapareci da história e de repente percebi a magnitude dos danhos que os eventos tinham causado na minha vida”.

O colombiano José Altamirano conta a história da sua vida e do seu país, cujo destino está estreitamente vinculado à pessoa de Joseph Conrad, o marinheiro e escritor polonês. Ao mesmo tempo, as intrigas nos bastidores da política levam à independência do Panamá (1904) de acordo com os interesses dos Estados Unidos que tratam de construir com todos os meios possíveis o Canal do Panamá. José Altamirano bem que teria podido evitar a separação do Istmo, mas não faz nada, cala-se. Quando o Panamá obtem sua independência, viaja para Londres onde encontra Santiago Pérez Triana (1860-1916), filho de um político liberal e ex-presidente, que o põe em contato com Joseph Conrad. Quando sai a primeira parte de *Nostromo* (CONRAD, 2007), José Altamirano reconhece na fictícia Costaguana a Colômbia de sua infância – paisagens, maquinações, guerras civis. Só ele próprio sumiu do mapa. Cheio de fúria, vai para a casa do escritor e interrompe o ditado do capítulo final. A história secreta de Costaguana é uma espécie de aventura picaresca e ao mesmo tempo uma paródia amarga do romance *Nostromo*.

Joseph Conrad (1857-1924) nasceu no dia 3 de Dezembro de 1857, na cidade de Berdyczów, hoje situada na Ucrânia. Seu pai, Apollo Korzeniowski, pertencia à aristocracia polonesa e era um patriota radical e revolucionário. Em 1861, a família foi detida em Varsóvia e condenada a um exílio de vários anos. Quando a mãe, Eva, faleceu, pai e filho mudaram-se para

Cracóvia. Aos dezesseis anos, Joseph Conrad foi de trem para Marselha, onde entrou como tripulante em um cargueiro francês, chamado *Saint-Antoine* e saiu para o Caribe (PETERS, 2010, p. 3-4; 17-19). As batalhas de Costaguana, essa república das bananas no romance *Nostromo*, muito têm a ver com as lutas políticas colombianas durante o século XIX (VÁSQUEZ, 2004, p. 19-20).

NOSTROMO E AS ORIGENS DA CIDADE COLONIAL

Não verei o cume do Higuerota duplicar-se nas águas do Golfo Plácido, não irei ao Estado Ocidental, não decifrarei nessa biblioteca, que de Buenos Aires imagino de tantas maneiras e que tem sem dúvida sua forma exata e suas crescentes sombras, a letra de Bolívar [...]. Talvez não se possa falar daquela república do Caribe sem refletir, ao menos de longe, o estilo monumental de seu mais famoso historiador, o capitão Joseph Korzeniovski.

Com estas palavras, inicia-se o conto Guayaquil (BORGES, 2001, p. 77-86) de Jorge Luis Borges que narra o encontro entre dois historiadores, um argentino e o outro checo. Os dois deveriam decidir quem haveria de viajar para uma cidade chamada *Sulaco*, a capital de Costaguana. Lá apareceu um documento capaz de resolver um dos grandes mistérios da história sul-americana: o porquê da renúncia do general argentino San Martín em favor de Bolívar na luta pela liberação do jugo espanhol. Como sempre, Borges não resolve nada, o mistério fica de pé. O que resta é o entusiasmo pela obra de Joseph Conrad, o capitão Korzeniovski e a sua fictícia Sulaco. Resta mais um enigma: por quê um polonês aristocrático inventou uma república sul-americana que viria a transformar-se num espelho onde se reconhecem gerações de escritores desse mesmo continente?

No seu romance *Nostromo*, Joseph Conrad narra a transformação da vila de Sulaco, “um porto litorâneo por onde escoava uma produção bastante grande de couro de boi” (CONRAD, 2007, p. 16) numa cidade colonial característica do século XIX, capital de uma república das bananas com seus monumentos, rituais e símbolos, os quais, no entanto, não fazem mais do que esconder piamente a realidade: Sulaco é um posto avançado do capitalismo. Londres domina as linhas marítimas, o cabo submarino, o caminho de ferro e o porto. Grande parte da atualidade deste romance deve-se ao fato de ter uma cidade e sua mudança como tema principal. Sulaco é

inteiramente dependente de um único produto de exportação, a prata da Mina de São Tomé que vira símbolo do progresso sem relação aparente com a realidade circundante.

Durante o século XIX, a América do Sul foi literalmente invadida por mercadorias britânicas e, além disso, os anos 1824-1825 foram marcados por uma onda de especulação com metais preciosos. Sem uma política de desenvolvimento próprio, as jovens nações sul-americanas foram expostas, sem piedade, às manobras do imperialismo. Colômbia é considerada o caso paradigmático: dilacerado por guerras civis entre conservadores e liberais, este país foi ludibriado pelas potências européias e pelos Estados Unidos. Esta realidade é descrita por Joseph Conrad no seu romance: ele achava que a face real das sociedades européias se revelava nas colônias e que a sua tarefa consistia em arrancar a máscara humanitária destas sociedades (JORDAN, 1980, p. 78-101).

No entanto, a aventura latino-americana de Joseph Conrad não era pura abstração. O escritor polonês tinha um interlocutor privilegiado na pessoa de Robert Bontine Cunningham Graham (1852-1936), escocês aristocrático descendente de espanhóis que tinha viajado para a América do Sul na adolescência para viver uma série de aventuras (JORDAN, 1980, p. 78-101). Nos seus escritos, Cunningham Graham pinta um paraíso perdido onde o homem e a natureza convivem numa harmonia dinâmica, em suma, uma Arcádia naufragada (CUNNINGHAME GRAHAM, 1901). Cunningham Graham era uma figura de seu tempo e cultivava as manias de um dândi. Nas fotografias ele aparece como uma espécie de Dom Quixote escocês de cabelos compridos e bigode heróico. Assim fazendo, ele correspondia a uma moda britânica do século XIX que adorava o Cavaleiro da Triste Figura: Dom Quixote já não era considerado um louco excêntrico, mas um paladino do idealismo, um mito que se opunha ao materialismo da era industrial (WATTS, 1993, p. 68-71). Joseph Conrad tinha lido Cervantes na adolescência e adorava o Quixote em particular, cuja figura emblemática reencontrou no seu amigo escocês. Muitas das suas figuras são versões modernizadas do Homem de La Mancha, idealistas cortados do mundo e em conflito permanente com a dura realidade que os envolve.

No romance *Nostromo*, é o caso do jurista Martin Decoud: “O colarinho da camisa, baixo no pescoço, o laço grande da gravata, o estilo da roupa, desde o chapéu de coco até os sapatos envernizados, davam uma ideia de elegância francesa [...] (CONRAD, 2007, p. 141). “Sua família se estabelecera havia longo tempo em Paris, onde ele estudara direito, dedicara-se à

literatura amadoristicamente, esperando, em momento de exaltação, chegar a ser algum dia um poeta”. Martin Decoud, no romance, inventa um país chamado Costaguana, ele tem a idéia da separação, mas é também a vítima de suas próprias ideias e pronuncia a frase-chave no romance:

Há uma maldição de futilidade a pesar sobre o nosso caráter: Dom Quixote e Sancho Pança, cavalaria e materialismo, sentimentos altissonantes e uma moralidade negligente, esforços violentos em prol de uma ideia e uma sombria aquiescência a todas as formas de corrupção. (p. 158)

A figura de Dom Quixote, salvador dos perseguidos e amante de Dulcinea, percorre toda a literatura do continente sul-americano, não só nos textos em língua espanhola, mas também nos escritores brasileiros dos quais pretendo falar aqui: Antônio Callado e Milton Hatoum.

CORAÇÃO DAS TREVAS E A FUGA NA SELVA

E na zona do S. Francisco, na tal de Pirapora, quando o tuti ia escasseando um pouco, a Expedição Montaigne ficou de caixa altíssima graças a um plano de Ipavu [...]. Os dez guaranis e a meia dúzia de caingangue que Ipavu arrebanhou, para o biscoite, numa fazenda de gado e num garimpo, já eram muito mais da fala brasileira, galiqueira na pica e cupim no peito do que índio do mato [...]. Ipavu [...] botou tudo nu, pintado de jenipapo e armado de arco e flecha, e, com Vicentino Beirão no comando, entraram em Pirapora num domingo e camparam nas escadas da prefeitura. Foi um deus nos acuda porque, como Ipavu já sabia que ia acontecer, todo o mundo que passava, principalmente as donas, naturalmente, olhavam a piroca dos índios [...]. O prefeito chegou, branco como uma daquelas folhas de papel almoço [...] e a primeira coisa que pediu foi que os índios se cobrissem a nudez. (CALLADO, 1982, p. 40-41)

A Expedição Montaigne de Antonio Callado é uma quixotada dos tempos modernos, a história de um idealista louco, Vicentino Beirão, e do seu acompanhante, o índio beberrão Ipavu. Os dois viajam ao Xingu para lançar uma revolução: depois do breve intervalo de quinhentos anos o Brasil deveria voltar a ser uma república de índios a caçar onça na selva, uma espécie de Arcádia ao estilo de Cunninghamame Graham. Antes de a expedição chegar ao seu destino, vive um momento de glória passageira, uma festa na vila de Pirapora à beira do Rio São Francisco. Nesta cidadezinha, a expedição arranca com um escândalo dos diabos: Ipavu arranja um par de índios nas fazendas em redor e os expõe na praça pública. O resultado é um saco cheio de grana e um cartaz que Vicentino Beirão, admirador de Montaigne e da Ilustração francesa, manda afixar na prefeitura de Pirapora: *Formez vos bataillons, montrez, vous aussi, vos couillons.* No entanto,

esse hilariante episódio tem uma história que nos leva primeiro a Ruão, na França, e depois à Inglaterra vitoriana de Joseph Conrad.

As viagens dos habitantes do Novo Mundo para a Europa eram fenômenos bastante frequentes no decurso do século XVI. Em muitos casos, estas embaixadas do *bom selvagem* se transformaram em autênticos escândalos e marchas triunfais, assim em Ruão no ano de 1550. Esta cidade ilustre da Normandia queria oferecer um espectáculo extraordinário ao rei D. Henrique II. Trata-se da famosa festa brasileira de Ruão que procurava mostrar a vida dos selvagens do Novo Mundo. Os selvagens verdadeiros e falsos (marinheiros bretões e normandos) apareceram inteiramente nus e se dedicaram a todos os seus afazeres normais, inclusive o comércio do pau-brasil (FRANCO, 1976, p. 46-48). Antonio Callado transplanta esta festa para o sertão mineiro e denuncia, ao mesmo tempo, uma série de preconceitos: os mestres-pensadores da Inglaterra vitoriana consideravam muito perigosos os contatos entre “civilizados” e “bárbaros”. Também para Joseph Conrad, o mergulhar na selva era um passo cheio de riscos. O resultado podia variar entre o choque de culturas e o canibalismo. O despir da roupa europeia era o elemento decisivo nesta regressão atávica. Ao passo que um africano suando no seu casaco era visto como um ato de progresso e disciplina, o colarinho simbolizava o mal-estar na civilização que todo mundo gostaria de despir, civilizado ou não (GRIFFITH, 1995, p. 25-31, 47, 64,138-140). No seu romance, Antonio Callado transforma a festa brasileira de Ruão com os receios vitorianos do *going native* numa paródia brilhante, em diálogo permanente com os romances de Conrad.

Coração das trevas (CONRAD, 1997) é uma das histórias mais estranhas de Joseph Conrad que lembra, por vezes, um périplo infernal. Marlow, o narrador da história, empreende uma viagem ao Congo como um rito iniciático onde se livra a batalha final entre o idealismo desesperado de Kurtz e a implacável realidade da mata. Este Kurtz é o Quixote da narração: tinha partido como porta-estandarte do progresso e da civilização e será tragado pelos seus instintos e a avidez de lucro. Kurtz acaba por se transformar no ídolo de uma tribo africana e morre no exato momento em que abandona a selva.

Um dos motivos centrais da história são os mapas, uma velha paixão de Joseph Conrad. Logo de início, Marlow confessa sua predileção pelos espaços em branco nos mapas do seu tempo. Uma vez em território africano, percebe que todos os seus mapas são inúteis: não há

nenhum Baedeker para o Congo (HAMPSON, 2003, p. 34-556). Kurtz vira uma obsessão, é a procura do branco louco no meio da mata. Quando se dá, finalmente, o encontro tão ansiado, Kurtz é um morto-vivo.

Vicentino Beirão, o Quixote no romance de Antonio Callado, quer imitar Kurtz e chegar a ser um pequeno deus branco no meio da mata. Mas a sua cultura é francesa, a sua biblioteca é a de um sábio da Ilustração e não tem nada a ver com o Brasil dos militares. Vicentino não tem a menor idéia sobre a selva, ele gosta de passear pela Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro, jardim-floresta concebido pelo arquiteto francês Auguste François Glaziou (1833-1906). Vicentino é um intelectual alienado que perde todo contato com o seu meio. O seu ídolo é Michel de Montaigne e o seu talismã um velho mapa do Brasil Central: “Nas andanças seguintes, Vicentino Beirão, ao mesmo tempo douto e exato como um cartógrafo amarrando um porto a uma estrela e apaixonado como um corsário que, já na ilha, assinala a gruta do tesouro, estendeu mais de uma vez em tronco ou pedra um velho mapa do centro do Brasil, onde mostrou com o dedo, onde estariam. “Mas Ipavu acabou percebendo que os dois vagavam sem rumo ou destino, para baixo e para cima das latitudes” (CALLADO, 1982, p. 60). Dom Quixote, na selva, um mapa inútil na mão, símbolo do domínio racional do mundo – eis a imagem central em Antonio Callado e Joseph Conrad.

A CIDADE COLONIAL COMO UTOPIA DECADENTE

Era uma via pública recentemente aberta, descuidada, com passeios rudimentares, e uma camada fofa de terra fina, que tomava toda a sua largura [...]. As fachadas rústicas dos novos edifícios do governo, alternadas com o vazio demarcado pelas cercas dos terrenos baldios e a vista do céu [...]. Num lado, o novo tribunal de justiça, com um pórtico baixo, desrido de adornos e com colunas atarracadas e meio escondido por umas velhas árvores [...]. Mas o capitão Whalley [...], lembrava-se ao passar que, naquele mesmo local, quando veio da Inglaterra pela primeira vez, havia uma vila de pescadores. (CONRAD, 2000, p. 22-23)

O capitão Whalley é um patriarca barbudo, caminhando pelo mundo cheio de confiança após cinquenta anos de vida marítima, até que a velhice mina o seu físico e a vista deficiente acaba numa tragédia. O seu porto de matrícula é Singapura no extremo sul da Península Malaia. Este posto avançado da civilização transformou-se em pouco tempo numa metrópole colonial. Mas a cidade é muito especial, moderna e decadente. Nada útil é feito aqui, e as fortunas nascem

e morrem com absoluta arbitrariedade, como na loteria de Manila. Singapura é uma cidade surreal, porque as amplas avenidas e edifícios imponentes estão vazios. As carroagens dos ricos desfilam diante deles e esperam o landau do governador, que deveria dar sentido ao cortejo colonial. Singapura não é mais do que uma fachada, os malaios são os únicos que mantêm a cidade viva, e o capitão Whalley, vítima da cegueira, representa o colapso de um império que outrora reinava sobre as ondas.

Passeando pela cidade, Whalley nota os sinais do progresso, em contraste violento com a própria decadência. No entanto, a vitória da civilização sobre a selva não é mais do que uma miragem: ela não tem nenhuma base, pois a vila anterior ficou arrasada. O que sobrevive, é a nostalgia de um passado inexistente: o pórtico clássico e a catedral gótica remetem para uma Europa que não tem mesmo nada a ver com a aldeia de pescadores que esteve aqui um dia. Singapura vive um surto comercial e, ao mesmo tempo, dá uma impressão de vazio e desolação, um destino partilhado por uma outra metrópole na selva, a Manaus de Milton Hatoum:

Uns anos antes da morte de meu pai, as pessoas só falavam em crescimento. Manaus, a exportação de borracha, o emprego, o comércio, o turismo, tudo crescia. Até a prostituição. Só Estiliano ficava com um pé atrás. Ele estava certo. Nos bares e restaurantes as notícias dos jornais de Belém e Manaus eram repetidas com alarme: Se não plantarmos sementes de seringueira, vamos desaparecer. (HATOUM, 2008, p. 33)

A indústria da borracha oscila entre a bonança e o colapso e, de acordo com seu ritmo, a capital amazonense, Manaus. No início, a povoação estava longe de ser uma Paris na selva, somente uma aldeia esmagada pela natureza. A nova capital construída pelo governador Eduardo Ribeiro (1862-1900) correspondia aos interesses da administração local: luz elétrica, saneamento público, bondes, telefones e ruas pavimentadas transformaram o sonolento posto de fronteira numa metrópole moderna. O símbolo desta modernidade é o *Teatro Amazonas*, com sua cúpula azul-dourada no meio da selva. No seu romance, Milton Hatoum descreve sua cidade natal como Joseph Conrad em *O fim das forças*: o protagonista, um Quixote mal adaptado, vagueia pelas ruas vazias de uma metrópole colonial que sonha com suas glórias passadas. O elo comum entre Milton Hatoum e Joseph Conrad é o motivo do naufrágio como destino irremediável: os instrumentos de navegação (mapa, bússola) são incapazes de evitar o desastre. De novo deparamos com o Cavaleiro da Triste Figura, personificado por Whalley, o capitão barbudo que

perde a fé após o desastre, e o apaixonado malandro Arminto, o narrador do romance *Órfãos do Eldorado*: ele malbarata a fortuna do pai e só pensa na índia Dinaura, sua Dulcinea inalcançável.

“Ano passado, quando transcorria o quinto centenário do descobrimento da América, e quando tanta gente xingava Colombo e Cabral, fiquei pensando na ambiguidade do escritor latino-americano”, notou Antonio Callado (1993, p. 46-51) num dos seus últimos ensaios.

Em relação a 1492, nós nos consideramos descobertos ou descobridores? No fundo de nós mesmos achamos que estávamos aqui, na praia, quando chegou a caravela, ou estávamos na amurada da caravela? Não se trata de termos sangue de índio ou cara de branco, pois – perdoem-me meus colegas, aquele que escreve tem nas veias tinta e não sangue. Praia ou caravela são, para nós, uma decisão intelectual.

Martin Decoud, Vicentino Beirão, o capitão Whalley e Arminto – todos eles são encarnações modernas do Cavaleiro da Triste Figura. Joseph Conrad fornece o modelo para um autoconhecimento sem ilusões do intelectual latino-americano, à procura de novos horizontes depois do naufrágio de todas as utopias do século XX.

REFERÊNCIAS

ANAYA FERREIRA, Nair María. Hudson, Cunningham Graham y Conrad: América Latina, ¿civilización o barbarie? **Anuario de Letras Modernas**, México, v. 5, 1991-1992.

BORGES, Jorge Luis. **Guayaquil em:** o informe de Brodie. Trad. Hermilo Borba Filho. São Paulo: Globo, 2001.

CALLADO, Antonio. **A expedição Montaigne.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CALLADO, Antonio. Eu e a brevidade do conto. **Nossa América**, São Paulo, n. 2, p. 46-51, 1993.

CONRAD, Joseph. **Coração das trevas.** Trad. de Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CONRAD, Joseph. **Nostromo.** Trad. e posfácio de José Paulo Paes. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

CONRAD, Joseph. **O fim das forças.** Trad. de Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

CUNNINGHAME GRAHAM, Robert B. **A vanished Arcadia:** being some account of the Jesuits in Paraguay, 1607 to 1767. New York: Haskell, 1901.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **O índio brasileiro e a revolução francesa:** as origens brasileiras da teoria da bondade natural. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976. (Documentos brasileiros; 7)

- GRIFFITH, John W. **Joseph Conrad and the anthropological dilemma:** Bewildered Travellers. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- HAMPSON, Robert. A Passion for maps: Conrad, Africa, Australia, and South-East Asia. **Conradian:** Journal of the Joseph Conrad Society, Londres, v. 28, n. 1, p. 34-56, 2003.
- HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- JORDAN, Elaine. **Conrad's Latin American adventure:** an obscure and questionable spoil. America in English literature: a symposium. London: Roehampton Institute, 1980.
- PETERS, John C. **A historical guide to Joseph Conrad.** Oxford: Oxford University Press, 2010.
- VÁSQUEZ, Juan Gabriel. **Joseph Conrad:** el hombre de ninguna parte. Bogotá: Panamericana Editorial, 2004.
- VÁSQUEZ, Juan Gabriel. **Historia secreta de Costaguana.** Bogotá: Alfaguara, 2007.
- WATTS, Cedric. **A preface to Conrad.** 2. ed. London: Longman, 1993.